

Entre "Propostas-65" e a visão de vanguarda

A crítica de arte poderia prescindir de manifestar-se em torno de uma exposição como "Proposta 65", na Fundação Armando Alvares Penteado, se se substituisse a crônica por alguma coisa assim como noções elementares de uma teoria de arte da vanguarda. Isto, não obstante o esforço demonstrado pelos organizadores, e as numerosas contribuições que surgiram, de artistas mais novos e mais experimentados, sob aquela deixa de proposição. Proposta 65 é a extrema limitação pois não se pode ser mais restrito do que se limitando a um ano de produção de pesquisa; mas alguma coisa vem de antes, e fica parecendo ser o instável, que se procura estabelecer no conteúdo da proposição. Mas, um instável com elasticidade bastante, pois todas as propostas caberiam dentro do critério, que não nos parece fixado nem esboçado.

Da colagem à pintura introspectiva, da revivência dadaísta de Kusuno ao enquadramento das texturas de madeira de Palatnik, dos anúncios comerciais de alguns propugnadores do **industrial design** aos desenhos alusivos de Egas Francisco, marcando sua preferência pelas dominantes verticais, tudo isso e o que entremeia, não marca uma fronteira nem fronteiras às propostas 65. Vem tudo de cambulhada, é a exposição do vale tudo, a que aderiram alguns artistas com pensamento de marcar a vanguarda. Mas para quem vá ver, desprevenidamente, a exposição, e será o caso da grande maioria, o que se conseguiu foi balizar a confusão.

Compreendemos muito bem que em sua maioria os artistas estejam se ninando para uma comunicação com o público; pois uma exposição como esta não quer mesmo saber nada de didática nem de informação e, se tropeça em toda a sua desunidade, os artistas nada têm a ver com isso; estão ali dando um recado, o da sua proposta 65.

Não têm nada a ver com o motivo causal, ignoram o "para que se fazer isto ou aquilo", e daí essa generalização de proposta, que não alcançará mais do que um repertório de variados efeitos, capaz em todo caso de produzir entre os artistas aquilo que em seu tempo Flavio de Rezende Carvalho chamava de "turbulência mental".

Já referimos Palatnik, cuja pesquisa nos parece bastante interessante para um decorativo nos lambris, e junto dele defrontamos as montagens pauperizadas de Ernest. Segue-se José Roberto Aguilar com três quadros à sua maneira, dos quais se salva o das feras que se defrontam, de um grafismo nervoso, o mais é panfleto de cavalete. Eneas Dedeca parte para as montagens polimatericas em que há um vale tudo para o que pouco vale; Adriano d'Aquino, em arte bruta de relevo em que entra massa (gesso ou coisa parecida), oferece-nos três aspectos da obsessão da figura de chifres; e depois os relevos de Luigi Zanotto.

Dos três trabalhos de Silvio Oppenheim, salva-se o de fundo anil; os mais degeneram bastante a pesquisa que saudamos em sua exposição inaugural da Mobilinea. A precaríssima pesquisa de Judith Lauand só faz comparecer. Rossi organiza suas caixas de espetáculos visuais tentando o aquário plástico. Depois disso só a parede de Ubirajara entre dadaísmo, pop-art e surrealismo, sem buscar nenhuma realização. E damos com os anúncios de casas e firmas comerciais, metedidos aqui e ali; são, também, propostas.

Mona Gorovitz expõe o surrealismo das peças usadas indo para um sadismo erótico que não é sadico nem erótico. E para esfriar essa mornidão cabe ver os relevos pintados de branco de Efisio Putzolz. Felizmente Antonio Maluf tenta, afinal, uma proposta, que vale.

Kusuno, bem inferior ao que deslumbrou tantos plúmiferos na Bienal, repete suas anarquias arqui-sabidas organizações. É uma pintura de Wesley Duke Lee, bem menos atual, sem modo de fazer história, como escreve no contexto. Se Duke Lee está modesto, não menos se apresenta a proposta de Waldemar Cordeiro, que nos fala, numa palavra só, inscrita em meio do tricolore branco, de suas amarguras. Amargo é a palavra. E mais anúncios.

Pedro Escosteguy brinca com objetos de madeira um tanto primariamente. E a seriedade de Mira Schendel em duas composições com letras, sendo a melhor a denominada pela inscrição "Now that I am back", que pode ser proposta como pode ser advertência de cansaço. Mas não dá para falar dos outros, e haverá outra crônica. — G.F.